

DISCUTINDO O USO DO GÊNERO NEUTRO: INTEGRAÇÃO ENTRE MORFOLOGIA E SOCIEDADE

Lara de Almeida Moreira (IFRJ)

laradealmeidamoreira4@gmail.com

Vítor de Moura Vivas (IFRJ)

vitor.vivas@ifrj.edu.br

Wallace Bezerra de Carvalho (IFRJ)

wallace.carvalho@ifrj.edu.br

RESUMO

Neste trabalho, busca-se analisar os diferentes usos da vogal final nominal “-e” no que se refere ao chamado gênero neutro. Por conta da natureza dos dados, esta pesquisa tem como arcabouço teórico abordagens que lidem com o uso e com a relação linguagem/mente, tais como a Linguística Cognitiva (ALMEIDA *et al.*, 2010) e o Relativismo Linguístico (EVERETT, 2013). Ainda, busca-se analisar o que a literatura diz sobre o gênero gramatical no português e o que os dados de uso atuais mostram. Pode-se perceber a partir dos dados levantados por esta pesquisa, que, atualmente, há um movimento de refuncionalização da vogal final nominal “-e”, notando-se três novos usos para a forma em questão.

Palavras-chave:

Gênero gramatical. Gênero neutro. Linguística Cognitiva.

ABSTRACT

In this research, we aim to analyze the different uses of the final noun vowel “-e”, in the cases such as the so-called neuter gender. For the nature of the data, this research is based on usage-based theoretical approaches, such as Cognitive Linguistics (ALMEIDA *et al.*, 2010) and theoretical approaches which consider the interplay between language and mind (EVERETT, 2013). Furthermore, we try to analyze what does the literature says about grammatical gender in Portuguese and what the current data show. We can notice through the data analyzed that, currently, there is a movement towards a refuncionalization of the form in sight.

Keywords:

Cognitive Linguistics. Grammatical gender. Neuter gender.

1. Introdução

A língua é um instrumento usado para organizar o pensamento e processar e transmitir informação (Cf. GEERAERTS; CUYCKENS, 2007), otimizando a comunicação humana. Tendo isso em vista, é possível entender que tudo o que nasce na língua se origina com o objetivo de melhorar a troca de informações entre os seres humanos. Deve-se desta-

car que língua, sociedade e cultura estão intimamente ligadas, ou seja, muitas vezes, o que nasce na língua vem principalmente da necessidade que a sociedade tem de que algo e/ou alguém seja representado no instrumento de comunicação utilizado. Por isso, a língua pode também acabar revelando os valores de uma sociedade, a sua cultura. Esta pesquisa procura contemplar a trajetória social e linguística pela qual o, assim chamado, gênero gramatical neutro no português passa, uma vez que seria impossível apresentar essa discussão sem entender as instituições sociais pelas quais ela atravessa. A pesquisa apoia-se principalmente na Linguística Cognitiva e Relativismo Linguístico e tem como objetivo estudar e demonstrar como, por que e por quem o gênero gramatical neutro está sendo utilizado atualmente.

No Brasil, no início dos anos 2000, os grupos que pertenciam a gêneros sociais marginalizados levantaram o questionamento da predominância do gênero gramatical masculino e demonstraram como isso poderia resultar em segregação. Por outro lado, alguns linguistas (Cf. CÂMARA JR., 1970; KEHDI, 1990; CUNHA; CINTRA, 2013 [1984]; VILLALVA, 2003) defendem que gênero gramatical e gênero social são aspectos distintos; por isso, um não afeta o outro diretamente. Além disso, a teoria frequente em manuais de morfologia de que o masculino não é marcado – não revela gênero gramatical (CÂMARA JR., 1970) – negaria a pauta levantada por estes grupos. No entanto, com estudos em Linguística Cognitiva (ALMEIDA *et al.*, 2010) e Relativismo Linguístico (Cf. EVERETT, 2013), verifica-se que o gênero gramatical tem correspondência com o gênero social, no nível cognitivo, isto é, entende-se que o gênero gramatical é escolhido de acordo com o gênero social/sexo biológico. Assim, sugerimos que aquela pauta passa a ter bases mais sólidas nos estudos linguísticos. A comunidade trans foi um dos grupos que questionou o uso do masculino genérico e o fato de que apenas dois gêneros gramaticais eram utilizados na língua. Afirmavam que não existiam apenas dois gêneros sociais e não faria sentido que existissem apenas dois gêneros gramaticais. Surgiram, então, tentativas de mudar esse cenário por meio de redes sociais com o uso de “@”, “x” e “_” no lugar dos marcadores de gênero gramatical. Com essas informações, entendemos que a desinência de gênero gramatical tem uma relação muito próxima com gênero social; portanto, faz sentido que pessoas que não se identificam com nenhum dos dois gêneros gramaticais utilizados no português se sintam excluídas da língua. A ideia inicial expandiu-se; assim, no lugar dos símbolos, entrou a vogal “-e”, como desinência de (não) gênero (Cf. CARVALHO, 2019). Sendo assim, como resultado desta pesquisa,

verificamos que a vogal “-e” está sendo usada como uma desinência de gênero gramatical, predominantemente pela comunidade LGBTQIA+, sendo ora usada como marcador de gênero gramatical, quando o sujeito é uma pessoa trans, ora usada como forma de não marcar gênero gramatical independente da identidade do sujeito.

2. Arcabouço teórico

Inicialmente, a fim de contextualizar, é importante falar sobre o uso do masculino genérico nos dias atuais. Segundo Câmara Jr. (1970), a vogal “-o” no final dos nomes é uma vogal temática, ou seja, não configura desinência de gênero gramatical e, portanto, o uso do masculino (genérico) poderia ser considerado neutro. Sendo assim, o gênero gramatical feminino, caracterizado pela vogal “-a” no final das palavras, seria o único gênero gramatical marcado no português. Além disso, alguns linguistas (Cf. CÂMARA JR., 1970; KEHDI, 1990; CUNHA; CINTRA, 2013 [1984]; VILLALVA, 2003) defendem que gênero social/sexo biológico e gênero gramatical são aspectos distintos, ou seja, um não afeta o outro.

No entanto, com o avanço dos estudos na área da Linguística Cognitiva, algumas pesquisas (Cf. NASCIMENTO, 2006; CARVALHO, 2019) já apontam que gênero gramatical e gênero social/sexo biológico têm sim alguma correspondência, cognitivamente falando. Dessa forma, o masculino genérico, no nível cognitivo é lido apenas como masculino e não como neutro (Cf. HAMILTON, 1988; STAHLBERG SCZESNY, 2001), o que torna o uso dele descabido em situações em que é necessário transmitir neutralidade de gênero.

Tendo isso em vista, a luta pela inclusão de gêneros marginalizados passou a ser uma luta não só social, mas também linguística. Como apresentado acima, o movimento feminista e o movimento trans foram os principais grupos sociais a questionar o uso do masculino genérico no português e a discutir sobre como isso poderia afetar nosso pensamento.

É interessante, nesse momento, citar o Relativismo Linguístico (Cf. CASASANTO, 2008; WOLFF; HOLMES, 2011; EVERETT, 2013), que, em poucas palavras, defende que a língua pode, em alguma medida, influenciar o pensamento. O Relativismo Linguístico, então, explica ou corrobora o questionamento feito pelo movimento trans e feminista sobre o uso do masculino genérico e quais as suas possíveis consequências. Entende-se, então, que o uso do masculino genérico poderia in-

fluenciar o pensamento dos falantes de português sobre quais espaços sociais homens, mulheres e pessoas trans poderiam ocupar. Tendo em vista esse problema, diversas formas de transmitir a neutralidade de gênero através da língua surgiram nas redes sociais. Inicialmente, o “x” e “@” eram usados no lugar da vogal que estaria marcando os gêneros gramaticais feminino ou masculino, porém com o objetivo de não marcar nenhum dos dois. Contudo, a utilização desses símbolos com o tempo foi substituída pela vogal “-e” final, pois esses símbolos não são de fácil processamento para leitores automáticos, que são *softwares* que leem a tela do computador/celular e obtém resposta por meio sonoro através da voz. Sendo assim, o uso desses símbolos poderia excluir pessoas desprovidas da visão. Além disso, não há correspondência para esses símbolos no sistema fonológico do português, o que torna inviável a transmissão de neutralidade de gênero por meio da fala (Cf. SCHWINDT, 2020).

3. *Análise*

A partir do uso da vogal “-e” final como marcador de (não) gênero, foi observado que a mesma está sendo utilizada de diversas formas como mostram os padrões abaixo:

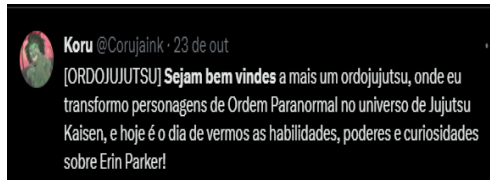
Padrão 1) Situação em que o gênero do sujeito é omitido. Estratégia utilizada principalmente pelos jovens como forma de não revelar o gênero do sujeito quando, por exemplo, o sujeito está presente no mesmo ambiente (físico), mas não é da vontade do falante que o sujeito saiba que é dele que se fala:

Ex.: “Elu¹⁵ é muito chate.”

Padrão 2) Situação em que o falante usa o gênero neutro com o objetivo de incluir e representar todas as pessoas/sujeitos, independentemente da identidade de gênero deles.

¹⁵ Nesse caso, “elu” estaria substituindo “ele” que, dentro da gramática internalizada do falante, marca o masculino. Sendo assim, “elu” está sendo utilizado com a finalidade de concordar com “chate”. No entanto, não há o intuito de prolongar essa análise, já que o sistema pronominal do português não é o objeto dessa pesquisa e sim a vogal “-e” final. Colocamos, então, o exemplo apenas a fim de demonstrar que é possível usar o gênero neutro para omitir o gênero social.

Figura 1: *PrintScreen* de *tweet* em que se lê “sejam bem vindes”.



Fonte: <https://twitter.com/Corujaink/status/1716421666559992004>.

Nesse exemplo, o falante usa o gênero neutro com a intenção de incluir todas as pessoas para quem ele desejava boas-vindas, independente da identidade de gênero delas.

Padrão 3) Situação em que o falante usa o gênero neutro como forma de marcar a (possível) presença de pessoas trans não binárias.

Figura 2: *PrintScreen* da página do jornal Metrôpoles em que se lê “todos, todas e todes”.



Fonte: <https://www.metropoles.com/brasil/todos-todas-e-todes-entenda-a-linguagem-neutra-usada-no-governo-lula>.

Nesse exemplo, o falante usa o gênero neutro como instrumento de representar pessoas trans.

A partir desses exemplos, pode-se observar que a vogal “-e” como neutralizador de gênero gramatical está sendo usada de outras duas formas além de, simplesmente, representar pessoas trans não binárias na língua. No primeiro exemplo, foi verificado que o gênero gramatical neutro foi usado com intenção de omitir o gênero social do sujeito; enquanto, no segundo exemplo, foi usado com intenção de incluir todos os sujeitos/pessoas independentemente de suas identidades de gênero. Apenas no terceiro exemplo, o gênero gramatical neutro foi usado como forma de representar pessoas LGBTQIA+.

4. *Considerações finais*

Ao final dessa pesquisa, concluímos que a vogal “-e”, como marcador de (não) gênero gramatical, está sendo utilizada, predominantemente, por jovens da comunidade LGBTQIA+. Além disso, analisamos que está sendo usada de três maneiras diferentes: i) como forma de omitir o gênero social do sujeito. ii) como forma de representar todos os sujeitos independente da identidade de gênero deles. iii) como forma de marcar a não binariedade do sujeito.

É interessante refletir sobre o efeito que poderia surgir caso esse tema fosse levado para as aulas de português; como a visão sobre gênero e sobre identidade de gênero poderia mudar ou não. Dentre as diversas possibilidades de continuação do tema desta pesquisa, destacamos o estudo sobre a qualidade da vogal média tônica que antecede imediatamente a vogal final, seja essa vogal final “-e”, “-o” ou “-a”: (“ansiose, ansioso, ansiosa”). Sabe-se que, dependendo do gênero gramatical da palavra, a vogal antecedente pode abrir, se for feminina (“ansi(ó)as”), ou fechar, se for masculina (“ansi(ô)so”). A abertura da vogal tônica reforça o conteúdo de feminino.

A partir disso, a pesquisa procuraria entender de que forma isso poderia influenciar no quão neutra seria a palavra que apresenta o gênero gramatical neutro, uma vez que, se a palavra for neutra, a vogal imediatamente anterior à vogal “-e” final poderia abrir ou fechar. Será que essa abertura ou não abertura indicaria uma redução na possibilidade de indicar gênero neutro? Essa é uma das perguntas-problemas que motivam a continuação da pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de *et al.* Breve introdução à linguística cognitiva. In: In: _____. *Linguística cognitiva em foco: morfologia e semântica*. Rio de Janeiro: Publít, 2010.

CARVALHO, Wallace Bezerra de. *Sobre pipocos e dicionários: Uma abordagem construcionista e relativista da flexão de gênero*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2019.

CASASANTO, D. Who’s afraid of the big bad Whorf? Crosslinguistic differences in temporal language and thought. *Language learning*, v. 58, p. 63-79, 2008.

COSTA, M. “*Todos, todas e todes*”: entenda a linguagem neutra usada no governo Lula. Metrópolis, 2023. Disponível em: <https://www.metro-poles.com/brasil/todos-todas-e-todes-entenda-a-linguagem-neutra-usada-no-gover-no-lula>. Acesso em: 30/10/2023.

EVERETT, C. *Linguistic relativity: Evidence across languages and cognitive domains*. Walter de Gruyter, 2013.

GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (Ed.). *The Oxford handbook of cognitive linguistics*. Oxford University Press, EUA, 2007.

HAMILTON, M. C. Using masculine generics: Does generic he increase male bias in the user’s imagery?. *Sex roles*, v. 19, p. 785-99, 1988.

NASCIMENTO, M. J. R. Repensando as vogais temáticas nominais a partir da gramática das construções. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

SCHWINDT, L.C. Sobre gênero neutro em português brasileiro e os limites do sistema linguístico. *Revista da Abralin*, v. 19, n. 1, p. 1-23, 2020.

STAHLBERG, D.; SCZESNY, S.; e BRAUN, F. Name Your Favourite Musician: Effects of Masculine Generics and of their Alternatives in German. *Journal of Language and Social Psychology*, 20, 464-9. 2001.

WOLFF, P.; HOLMES, K. J. Linguistic relativity. *Wiley Interdisciplinary Reviews: Cognitive Science*, v. 2, n. 3, p. 253-65, 2011.

Outra fonte:

KORU. [ORDOJUJUTSU] Sejam bem vindes a mais um ordojujutsu, onde eu transformo personagens de Ordem Paranormal no universo de Jujutsu Kaisen, e hoje é o dia de vermos as habilidades, poderes e curiosidades sobre Erin Parker! 23 out. 2023. Twitter: @Corujaink. Disponível em: <https://twitter.com/Corujaink/status/1716421666559992004>. Acesso em: 30/10/2023.